



**XIX  
CONBRACE**  
**VI CONICE**  
08 a 13 de setembro de 2015  
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE  
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:  
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO  
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

## O CIRCO DA ESCOLA: UMA PROPOSTA CRÍTICO-SUPERADORA<sup>1</sup>

Gustavo de Mello Garcez,  
Mateus Camargo Pereira

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo relatar uma experiência pedagógica com o conteúdo circo na perspectiva Crítico Superadora e as possibilidades de trabalhá-lo na escola. O trabalho se desenvolveu com alunos de idade entre 7 e 8 anos numa instituição de ensino não regular, visando experimentar e desenvolver elementos da arte circense de forma emancipatória, crítica e inclusiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Física Escolar; Circo da Escola; Tendência Crítico-Superadora.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização. Não houve conflitos de interesses para realizá-lo.



## INTRODUÇÃO

Sabe-se que o circo é uma das manifestações da cultura corporal mais antigas e conhecidas por todo o mundo. Segundo Alice Viveiros de Castro (2010) elas sempre estiveram presentes na história humana. Registros arqueológicos na região da Anatólia na Turquia, há 8 milênios, levantam essa hipótese. Estes demonstram homens fazendo saltos e acrobacias em caçadas a touros. Gonçalves e Lavoura (2012) também estimam que há mais de cinco milênios existam registros da existência do circo na China em pinturas que ilustram contorcionistas, equilibristas e acrobatas.

O espaço da arte erudita e popular sempre foi demarcado (Viveiros de Castro, 2010). A autora afirma que na Idade Média isso se atenua, com fortes interesses da Igreja Católica em classificar o que era adequado ou não aos seus preceitos. As artes corporais e o circo foram fortemente discriminados. Como ressaltado no trecho a seguir “[...]A nobreza esmerava-se em patrocinar seus artistas preferidos e os reis passam a instituir as Reais Companhias de dramas, comédias e música, base dos Teatros, Operas e Corpos de Baile Nacionais[...]” (VIVEIROS DE CASTRO, 2010, p.1).

Enquanto isso nas feiras, ou teatros de feiras, equilibristas, adestradores de animais, saltadores, malabaristas, mímicos, mágicos, bonequeiros entre outros artistas ficam a margem do mundo da arte no que diz respeito à valorização de suas obras por entidades oficiais. Por outro lado, no que diz respeito ao público, isso nunca lhes faltou, sejam plebeus, nobres, ou clérigos; não havia como não se interessar pela arte, mesmo que formalmente subalterna, como o circo.

Segundo Bortoleto (2006), o circo itinerante e sob lonas, como conhecemos hoje em tamanha quantidade, também surgiu nessa época. Todos os espetáculos e artistas acima citados, não mais podiam ser compreendidos por espaços quaisquer do ar livre, e então essa necessidade dá origem a arenas cobertas por tendas, lonas ou “cavas” como eram chamadas nessa época. Com a projeção ganha pelos artistas os circos itinerantes alcançam o mundo, organizados por famílias que viajam, apresentam-se e vivem em comum, criando e mantendo os conhecimentos circenses vivos. Esses são passados de geração a geração, muitas vezes de forma oral e restrita aos seus membros.



Segundo Martha Costa (2001), a partir da Revolução Industrial no final do sec. XIX, esse modelo de circo itinerante ganha força, nascendo sua versão moderna, como explicitado no trecho a seguir:

O circo moderno nasceu junto com a Revolução Industrial. Em 1742, o cavaleiro inglês Philip Astley, que costumava exibir-se com cavalos em picadeiro redondo, acrescentou ao espetáculo as apresentações de saltimbancos e artistas das ruas, das praças e das estradas da velha Europa. Ele cercou o picadeiro com arquibancadas e passou a cobrar ingresso. Foi isso que deu origem ao que hoje conhecemos como circo. A empresa idealizada por Astley tinha como objetivo a diversão, o entretenimento - mas constitui um belo exemplo para qualquer organização que pretenda sobreviver num mundo repleto de insegurança e instabilidade. Aliando racionalidade artística e técnica, o circo primou pela criatividade e por uma enorme capacidade de adaptação. Contemporâneo do modelo industrial, trilhou seus próprios caminhos e desenvolveu um modelo distinto. Apesar de fortemente vinculado às origens, sua estrutura organizacional e suas práticas administrativas aproximam-se das características hoje consideradas tendências das organizações do século 21. (COSTA, M. 2001. p.1)

Nesse trabalho objetivamos relatar o ensino sistematizado do circo em um espaço educacional não formal. Segundo Saviani (2008) o papel da escola é democratizar o conhecimento sistematizado e acumulado pelo homem ao longo dos anos. Portanto, dar a ele um tratamento pedagógico se torna uma necessidade, buscando democratizar o conhecimento. Pressupomos que os estudantes possuem direito às produções humanas sistematizadas para melhor compreender e agir no mundo de classes em que vivem, de forma crítica.

Para realizar a experiência aqui relatada recorreremos então ao Coletivo de Autores (Soares et al, 1992), que opõe a ideia de educação física como cultura corporal ao paradigma da aptidão física. A tendência Crítico-Superadora se baseia na Pedagogia Histórico-Crítica de Saviani, cuja referência é o materialismo histórico-dialético de Karl Marx. Esta tendência da educação física divide a reflexão pedagógica em três momentos: fase diagnóstica, fase judicativa e fase teleológica. Na fase diagnóstica cabe ao professor identificar qual o conhecimento dos seus alunos na prática corporal que será proposta em suas aulas. Tal fase orienta os processos subsequentes. Na fase judicativa, na qual o aluno confrontará o senso comum a uma nova possibilidade pedagógica, podem ser apresentadas situações históricas que remetem aos processos ocorridos com os conteúdos e o papel das diferentes instituições neste percurso. E por fim, a fase teleológica, na qual o aluno se apropria dos conhecimentos apresentados e sintetiza uma nova ideia, superando gestos, conceitos e valores outrora



manifestados. Busca-se um crescimento de elaboração e compreensão dos conteúdos realizados.

## DESENVOLVIMENTO

Na sociedade de classes a escola torna-se tradicionalmente a referência do conhecimento e da educação, colocando em segundo plano quaisquer outras instituições que se propõem a ensinar (Gonçalves e Lavoura, 2012). Sendo assim, é imensa a importância da escola na sociedade moderna, jamais podemos perder de vista que a escola é parte da sociedade, e sob circunstância alguma encontra-se a sua margem. Possui um papel reprodutor dos padrões hegemônicos existentes em nosso meio social burguês, favorecendo em grande escala os donos dos meios de produção, e alienando cada vez mais os filhos da classe proletária. Saviani (2008) aponta tal característica, mas posiciona a instituição de ensino como um espaço potencialmente emancipador, à medida em que problematiza e questiona os parâmetros burgueses. Portanto, para ele, a escola apesar de reprodutivista, não precisa se resumir a isso.

O cenário da Educação Brasileira atual infelizmente não é nada animador, visto as enormes carências que a assolam. Ainda que tenhamos avançado nas últimas décadas em termos de acesso ao ensino básico e superior, tais avanços não vêm acompanhados de investimentos adequados em estrutura e nos profissionais responsáveis pela educação no dia a dia. Entretanto, cabe ressaltar que o cenário desanimador não pode nos impedir de empreender esforços no sentido de encontrar alternativas nos diversos campos, dentro deles, nas metodologias de ensino dos conteúdos da educação física. Trataremos a seguir então de relatar nossa contribuição neste sentido.

A sequência pedagógica planejada nesse trabalho utilizou de alguns materiais como: Malabares (Diabolô, bolas, argolas, swing Poi), papel, lápis e o Slackline simulando uma corda bamba. Todo o trabalho foi desenvolvido em uma instituição filantrópica na cidade de Muzambinho - MG, sendo o papel dessa instituição não de escola regular, mas de “escola de contra turno”. A faixa etária dos alunos variava de 7 a 8 anos, e o número de alunos na turma em que desenvolvemos o trabalho era 20, sendo bastante equilibrado o número de meninos e meninas, com leve predominância de meninas. Nessa instituição o público-alvo são alunos desprovidos da possibilidade de seus pais mantê-los em casa fora do horário escolar, que



**XIX  
CONBRACE**  
**VI CONICE**  
08 a 13 de setembro de 2015  
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE  
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:  
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO  
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

contam com a ajuda da instituição para tutoria de seus filhos nestes horários. Cabe dizer que apesar de não se tratar de uma escola regular no que diz respeito à legislação, as rotinas de funcionamento dessa instituição são equivalentes às das escolas regulares. Todos os professores são graduados ou graduandos em cursos de educação, além de possuírem uma gestão nos mesmos moldes de nossas escolas formais. O espaço possui dificuldades em questões estruturais, com falta de materiais diversos e para as atividades corporais. A clientela frequentadora do espaço possui extrema vulnerabilidade socioeconômica. Dada a organização pedagógica da instituição, percebemos a ausência de uma proposta pedagógica clara dos gestores e docentes, inexistindo um comprometimento com uma pedagogia crítica e emancipadora do ser humano. Coexistem versões da Pedagogia Tradicional e do Escolanovismo, conforme elaboração de Saviani (1999).



Quadro 1: Cronograma e conteúdos das aulas

Aula:	Fase <sup>2</sup> :	Materiais	Objetivos
1	Diagnóstica	Papel e Lápis.	História a partir de uma "Estória", e ilustração da mesma em forma de desenho.
2	Diagnóstica	Malabares: Diabolô, Bolas, Argolas, Swing Poi.	Diagnosticar o conhecimento dos alunos sobre esses materiais.
3	Diagnóstica	SlackLine/Corda Bamba	Diagnosticar o conhecimento dos alunos sobre esse material.
4	Judicativa	Malabares: Diabolô, Bolas, Argolas, Swing Poi.	Demonstrar o confronto de forma prática a partir desse material.
5	Judicativa	Malabares: Diabolô, Bolas, Argolas, Swing Poi.	Demonstrar o confronto de forma prática a partir desse material.
6	Judicativa	Malabares: Diabolô, Bolas, Argolas, Swing Poi.	Demonstrar o confronto de forma prática a partir desse material.
7	Judicativa	SlackLine/Corda Bamba	Demonstrar o confronto de forma prática a partir desse material.
8	Judicativa	SlackLine/Corda Bamba	Demonstrar o confronto de forma prática a partir desse material.
9	Teleológica	Papel e Lápis.	Desfecho da "Estória" na forma de desenho.
10	Teleológica	Malabares: Diabolô, Bolas, Argolas, Swing Poi, SlackLine/Corda Bamba.	Prática dessas atividades de forma livre. (Escolha dos alunos)

Na primeira aula contamos para os alunos uma “Estória” que buscava tornar um confronto histórico do circo, acessível a faixa etária dos mesmos.

Tal “Estória” era a seguinte: existia uma família circense chamada Alegria, e não por acaso o nome do circo em que eram donos era “Circo Alegria”. Nesse circo algumas praticas

<sup>2</sup> Apesar de parecerem lineares as fases apresentadas nesse quadro, na verdade varias fases se manifestam “dentro” de outras e/ou em convergência com as mesmas. Tal distribuição no quadro trata-se da forma mais simples que encontramos de demonstrar qual fase predominou em cada etapa do trabalho.



eram muito importantes, como divertir o público, mas também se divertir, cobrar o ingresso para o espetáculo, mas somente para manutenção do mesmo. Cada palhaço ou artista era livre para escolher sua forma de se expressar, afinal o circo era sua arte, o circo era sua vida! Em seguida apresento aos alunos o “Circo Patinhas”. Tal nome tem por intenção substituir um nome mais formal como “Liberal”, e agregar ao mesmo um significado mais concreto, afinal o personagem “Tio Patinhas” da Disney é uma representação do liberalismo econômico. A associação do nome com os interesses desse circo foi imediata. No “Circo Patinhas” as coisas eram diferentes. O importante era o lucro, e para se conseguir lucro os palhaços e artistas tinham que fazer apresentações independente se gostavam ou não. O importante era que o público gostasse e pagasse por isso. Aqui também o circo não era um bem de todos os seus membros, o circo tinha um dono, e os artistas e palhaços eram seus empregados. Em dado momento o “Circo Patinhas”, que era itinerante, passa pela cidade do “Circo Alegria” que era um circo fixo. O “Palhaço Patinhas” vendo o quanto o espetáculo “Alegria” era amado pelo público mesmo sendo um circo modesto em termos de estrutura e riqueza, fica extremamente incomodado e decide comprar o circo. O “Palhaço Alegria” se recusa a vender o circo. Sendo assim o “Patinhas” começa a usar de seu poder para obrigá-los a vender o circo, e então fazem embargos com empresas fornecedoras, com os alvarás de funcionamento, montam seu circo bem próximo do “Circo Alegria”, e não cobram entrada, além de diversos outros boicotes. Diante de tantas adversidades o “Grupo Alegria” não vê mais saída e acaba vendendo o seu circo ao “Circo Patinhas”. E assim a “Estória” é interrompida e aos alunos foi solicitado que fizessem um desenho da mesma.

Na aula seguinte, ainda na fase diagnóstica, os alunos foram convidados a brincar de circo, e então foi montado um circuito na quadra com quatro estações, sendo cada uma delas com um aparelho diferente de malabarismo (Diabolô, Swing-poi, Bolas, Arcos). Nessa aula pode se verificar o quanto conheciam de cada um desses aparelhos e a forma como os utilizavam. Na terceira aula, ainda em fase diagnóstica, o “Slackline” foi montado simulando uma corda bamba. Chamamos os alunos a brincar e foi diagnosticado o quanto conheciam desse aparelho. Da quarta aula até a oitava aula entramos na fase judicativa e todos esses materiais foram apresentados aos alunos com ênfases diferentes: ora a brincadeira era do circo “Alegria”, na qual a atividade era livre e visava a diversão, com a adição de desafios; ora a brincadeira era do circo “Patinhas”, onde gestos e habilidades técnicas eram cobrados, formas de repressão existiam para os “inaptos” como vaias dos demais colegas durante uma



apresentação, e retirada do aluno da “brincadeira” caso não fosse capaz de demonstrar alguma habilidade. Nas duas aulas finais, que englobaram a fase teleológica, foi pedido aos alunos que desenhassem o final da “Estória” e explicassem seus desenhos. Na aula seguinte fomos até a quadra, todos os materiais citados anteriormente foram disponibilizados para que de forma livre fosse permitido aos alunos que “brincassem” com os mesmos para verificar se houve mudança na sua prática em relação ao conteúdo trabalhado.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao elaborarmos o planejamento desse trabalho a hipótese era de que os alunos escolhessem o circo “Alegria”, pois tal escolha seria o êxito dessa sequência pedagógica. Mas o que significa essa escolha? Se pararmos para analisar o confronto que o trabalho apresenta, é colocado de um lado o circo enquanto manifestação mais espontânea e livre e de outro circo performático, mercadoria, de desempenho, que hoje é tão comum de se encontrar pelo mundo afora, e talvez o grande exemplo seja o *Cirque du Soleil*. O confronto tenta justamente ser o que foi adiantado logo no início desse trabalho, entre as perspectivas da cultura corporal *versus* Aptidão Física, sendo que na alegoria criada e relatada acima para contextualizar historicamente o circo, o “Circo Alegria” está situado na perspectiva da cultura corporal e o “Circo Patinhas” nas teorias competitivas e excludentes da aptidão física. Para a educação física o significado dos alunos escolherem um paradigma cultural e participativo sugere uma primeira percepção por parte dos mesmos de qual tipo de abordagem deve ser utilizada na escola, e talvez o início de uma cultura escolar, abordagem/cultura essa que o título do trabalho já preanuncia quando usa o termo “Circo da Escola”. Mas o que seria o circo da escola? Nada mais que o circo acessível a todos, um circo que possibilite a participação e inclusão de todos, ou da maioria, e faça sentido dentro da realidade dos alunos.

Vago (1996) delimita com bastante lucidez o que cabe na escola:

[...] Trata-se de problematizar a prática cultural do esporte da sociedade (que é, ao mesmo tempo, o esporte da e na escola), para reinventá-lo, recriá-lo, reconstruí-lo, e, ainda mais, produzi-lo a partir do específico da escola, para tencionar com aqueles já citados, que a sociedade incorporou a ele (e para superá-los). Não sendo mesmo possível à escola isolar-se da sociedade, já que a escola é, ela mesma, uma instituição da sociedade, uma de suas tarefas, então, é de debater o esporte, de criticá-lo, de produzi-lo... e de praticá-lo! Ora, se se quer o confronto — a tensão permanente — com os códigos e valores agregados ao esporte pela forma capitalista de





organização social para construirmos outros valores a partir da escola (a solidariedade esportiva, a participação, o respeito à diferença, o lúdico, por exemplo), é fundamental que o façamos para toda a sociedade. (VAGO, T. 1996. p.13)

Como esperado a escolha dos alunos referenciou-se nas práticas do circo “Alegria”. Percebemos que em todos os momentos de confronto entre os dois circos na maior parte dos alunos uma tranquilidade maior em associar-se ao circo Alegria, talvez pelo ambiente lúdico criado e pela falta de compromisso com índices técnicos.

Apesar do cronograma apresentado há algumas páginas atrás parecer bastante linear, na verdade pudemos captar várias manifestações conjuntas de outras fases dentro de uma fase específica. Por exemplo, encontrar a fase teleológica em variados momentos da fase judicativa foi algo bastante comum, pois as sínteses dos alunos acontecem a todo tempo e foram expressadas com demasiado entusiasmo. Frases como: “Pessoal façam silêncio, vocês estão atrapalhando o equilíbrio dele” durante a tentativa de um aluno em se equilibrar sobre o Slackline, demonstram o que antes era inimaginável, numa realidade onde normalmente estes alunos encontram em suas aulas de Educação Física uma realidade bastante competitiva, após algumas aulas demonstram uma consciência bastante colaborativa ao incorporarem as práticas do circo “Alegria”.

Nos resultados coletados a partir dos desenhos a escolha pelo circo “Alegria” foi nítida, a grande maioria dos alunos, exceto um, escolheu esta manifestação mais participativa do circo, sendo a exceção justamente um aluno que conseguiu cumprir com tamanha habilidade todas as tarefas propostas, e até superar o que era pedido em muitos momentos. Supomos que escolheu essas práticas como um distintivo de suas habilidades em relação às de seus colegas, ou seja, nada mais fez do que reproduzir o caráter competitivo que a sociedade de classes nos emprega rotineiramente. Ela nos faz crer que os méritos são ser algo inato do ser humano, muitas vezes sem que percebamos. Vale ressaltar que após os alunos fazerem seus desenhos, pedimos que os explicassem para uma maior interpretação dos mesmos, fato que permitiu nossas afirmações quanto à dominância de escolha voltada para o circo “Alegria”.

Talvez uma das dúvidas que surjam ao lerem esse trabalho seja: Mas se o circo “Alegria” é lúdico e se manifesta de forma livre, como ensinar o conhecimento técnico, e/ou sistematizado a partir dele? A forma encontrada mostrou-se bastante eficiente para resolver este problema. Na maioria das vezes em que “brincávamos” (esse era o termo que usávamos



para as práticas em aula) de circo “Alegria” desafios eram propostos para que os alunos pudessem cumprir, mas sem que esses desafios se tornassem uma obrigação como na prática antagônica que era do “Circo Patinhas”.

## CONCLUSÃO

Concluimos que o desenvolvimento de uma proposta Crítico-Superadora para o conteúdo circo foi satisfatória. Ao final da sequência pedagógica aqui relatada foi nítida a escolha dos alunos pelo circo “Alegria”, como já relatado anteriormente. Não podemos afirmar se a prática social de nossos alunos de fato mudou em relação a este conteúdo, mas podemos afirmar que dentro da lógica proposta nesse trabalho algumas tomadas de posição sob que perspectiva de circo os alunos escolheram para si foi latente.

No que tange à criação da cultura de esporte escolar, o esporte da escola como defende Vago (1996), um primeiro passo foi dado. O conteúdo circo certamente será visto com outros olhos e praticado com outras ênfases a partir de então.



**XIX  
CONBRACE**  
**VI CONICE**  
08 a 13 de setembro de 2015  
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE  
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:  
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO  
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

## CIRCUS OF THE SCHOOL: A CRÍTICO-SUPERADORA PERSPECTIVE

*ABSTRACT: This paper aims to report an educational experience about the circus content in the Crítico-Superadora perspective and the possibilities for work it in school. The work was developed with students aged 7 and 8, a non-regular educational institution, seeking and develop the circus content emancipatory, critical and inclusive.*

**KEYWORDS:** School Physical Education; Circus in the School; Crítico-superadora pedagogy;

## CIRCO DE LA ESCUELA: UNA PERSPECTIVA CRÍTICO-SUPERADORA

*RESUMEN: En este trabajo se detallan una experiencia educativa sobre el contenido de circo en la perspectiva crítico-superadora y las posibilidades de trabajo en la escuela. El trabajo se desarrolló con estudiantes de 7 y 8 años de edad, una institución educativa no regular, con el fin de tratar y desarrollar el contenido de circo así emancipador, crítico e integrador.*

**PALABRAS CLAVE:** La Educación Física na Escuela; Circo de la Escuela; La pedagogía crítico-superadora;



**XIX  
CONBRACE**  
**VI CONICE**  
08 a 13 de setembro de 2015  
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE  
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:  
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO  
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

GONÇALVES, L.; LAVOURA, T. O circo como conteúdo da Cultura Corporal na Educação Física escolar: possibilidades de prática pedagógica na perspectiva histórico crítica. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, São Caetano do Sul, v. 19, n. 4, p. 77-88, 2011.

SAVIANI, D. Escola e democracia. 32. Campinas: Autores Associados, 1999.

\_\_\_\_\_. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 10. São Paulo: Autores Associados, 2008

\_\_\_\_\_. A nova lei da educação (LDB): trajetórias, limites e perspectivas. 12. São Paulo: Autores associados, 2011

SOARES, C L. et al. Metodologia do ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

VAGO, TM. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente – um diálogo com Valter Bracht. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 4-17, 1996.

DUPRAT R.; Bortoleto, M. Educação Física Escolar Pedagogia E Didática Das Atividades Circenses. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, v. 28, n. 2, p. 171-189, jan. 2007

ALICE VIVEIROS DE CASTRO. A arte do insólito. Circonteúdo. 25 Fevereiro 2010.

Disponível em:

[http://www.circonteudo.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2709:arte-do-insolito&catid=191:alice-viveiros-de-castro&Itemid=513//](http://www.circonteudo.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2709:arte-do-insolito&catid=191:alice-viveiros-de-castro&Itemid=513//). Acesso em: 05 março 2015.



**XIX  
CONBRACE**  
**VI CONICE**  
08 a 13 de setembro de 2015  
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE  
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:  
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO  
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

MARTHA COSTA. Vem, vem, vem, ver o circo de verdade. Revista Exame. 06 Fevereiro 2001. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/733/noticias/vem-vem-ver-o-circo-de-verdade-m0052919>>. Acesso em: 10 mar. 2015.